

CONFLITOS SOCIAIS: A PERSPECTIVA DE ESTUDANTES COM INDICATIVOS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE HUMANA

SOCIAL CONFLICTS: THE PERSPECTIVE OF STUDENTS WITH INDICATIVES OF HIGH SKILLS AND GIFTEDNESS IN A SITUATION OF HUMAN VULNERABILITY

Carla Sant'Ana OLIVEIRA¹

Carla Luciane Blum VESTENA²

Leandro Cordeiro CRISTO³

RESUMO: o presente artigo traz um recorte de uma pesquisa empírica, com entrevista semiestruturada, baseada no método clínico piagetiano, e objetivou demonstrar como os estudantes com Altas Habilidades/Superdotação em situação de vulnerabilidade humana usam seu potencial criativo e desenvolvem soluções para responder aos conflitos existentes em seu meio. Para a análise qualitativa dos resultados utilizou-se autores como Saltini (2008), Inhelder e Piaget (1982), Lubart (2007) entre outros. Os resultados obtidos indicam que os estudantes estão sendo prejudicados em seu potencial criativo por falta de desenvolvimento de trocas interindividuais reais, por conta do contexto existente na Pandemia Covid 19 que limitou a interação interindividual, porém estão em pleno desenvolvimento cognitivo com o auxílio das ferramentas digitais, também sentem-se frustrados com a forma com que os professores conduzem as aulas remotas, com a falta de acesso aos esportes e lazer, e a falta de atendimentos adequados a sua condição com desafios cognitivos e atividades para o desenvolvimento social. Os resultados indicam ainda que mesmo neste contexto de vulnerabilidade que os limitou a explorarem mais os conflitos apresentados neste trabalho de forma criativa, eles ainda trouxeram respostas complexas para os pares de sua idade, demonstrando autonomia e amplo potencial criativo.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição. Criatividade. Pandemia. Piaget. Educação Inclusiva.

ABSTRACT: the present article is an excerpt from an empirical research, with semi-structured interviews, based on the Piagetian clinical method, and aimed at demonstrating how students with High Abilities/Super ability in a situation of human vulnerability use their creative potential and develop solutions to respond to the existing conflicts in their environment. For the qualitative analysis of the results we used authors such as Saltini (2008), Inhelder and Piaget (1982), Lubart (2007) among others. The results obtained indicate that the students are being hindered in their creative potential by the lack of development of real inter-individual exchanges, due to the existing context in Pandemic Covid 19 that limited the inter-individual interaction, however they are in full cognitive development with the help of digital tools, they also feel frustrated with the way the teachers conduct the remote classes, with the lack of access to sports and leisure, and the lack of appropriate care to their condition with cognitive challenges and activities for social development. The results also indicate that even in this context of vulnerability that limited them to further explore the conflicts presented in this work in a creative way, they still brought complex answers for their age peers, demonstrating autonomy and ample creative potential.

KEYWORDS: Cognition. Creativity. Pandemic. Piaget. Inclusive education.

¹ Doutora em Educação. Professora colaboradora da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: carlasantol19@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6262-5749>

² PhD pela School of Education, Durham University - UK (2016-2017). Doutora em Educação. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná - UFPR. E-mail: clbvestena@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8655-7840>

³ Mestre em Educação. Professor Efetivo do Atendimento Educacional Especializado pela Rede Municipal de Ensino de Guarapuava/PR. E-mail: professorleandro.arte@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6165-7132>

<https://doi.org/10.36311/2358-8845.2023.v10n1.p125-142>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

INTRODUÇÃO

No Brasil, muitos educadores e pesquisadores demonstram que existe uma preocupação em atender às necessidades acadêmicas dos estudantes com Altas Habilidades/Superdotação⁴ (AH/SD)⁵. Todavia, há ainda algumas lacunas no atendimento das necessidades relacionadas ao desenvolvimento emocional e social destes estudantes.

Para atender essas necessidades, deve-se entender que o estudante com AH/SD é uma pessoa que consegue observar o mundo de maneira diferente dos colegas.

As características peculiares, demandam grandes expectativas de aprendizagem pelos estudantes com AH/SD. Há ainda, a necessidade que deve ser atendida pelos educadores e salas de recursos a respeito do processo de aprendizado, que em estudantes com AH/SD é mais ágil do que seus pares. Isso ocorre porque eles são bons em fazer relações entre diversos eventos e informações, podem se concentrar em algo por um longo período, bem como despertam interesse por assuntos abstratos.

Não obstante, os estudos sobre essas necessidades especiais dos estudantes com talentos criativos apresentam lacunas. O resultado dessa lacuna é o fraco desempenho criativo por parte destes estudantes e uma diminuição na conquista de produções criativas para seus conflitos.

Estudos estadunidenses apontam as necessidades sociais de alunos com talentos criativos. E a importância do engajamento como componente-chave do sucesso, foi estudada por McCormick e Plucker (2013), que demonstraram que se não houver programas específicos para o desenvolvimento do talento criativo em estudantes superdotados, podemos levá-los ao insucesso educacional, afetivo e social.

Foi pensando neste contexto que o presente artigo traz um recorte de pesquisa empírica realizada entre 2019 e 2021, cujos resultados fazem parte de tese defendida para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná⁶.

Os objetivos desta pesquisa buscavam entender como os estudantes com AH/SD em situação de vulnerabilidade humana usam seu potencial criativo e desenvolvem soluções para responder aos conflitos existentes em seu meio.

Os dados foram coletados via questionários e entrevistas nas quais usamos dilemas com conflitos reais, criados a partir das próprias vivências dos estudantes, a coleta de dados foi realizada de modo remoto⁷, foram entrevistados cinco estudantes regularmente matriculados em escolas estaduais situadas no município de Guarapuava- PR.

⁴ A Sala de Recursos Multifuncional - Tipo I para Altas Habilidades/Superdotação é um espaço organizado com materiais didático-pedagógicos, equipamentos e profissional(is) especializado(s) onde é ofertado o atendimento educacional especializado que visa atender às necessidades educacionais dos alunos público-alvo da Educação Especial na Rede Pública de Ensino. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=666>>. Acesso 02 Set 2018.

⁵ O termo Altas Habilidades/Superdotação será usado neste texto, conforme a Resolução nº 4/2009 (BRASIL, 2009), que estabelece Diretrizes Operacionais para o AEE na modalidade Educação Especial para Educação Básica. Para facilitar a escrita do texto optamos por utilizar a sigla AH/SD para designar Altas Habilidades/Superdotação, superdotados e superdotadas.

⁶ Pesquisa validada pelo Comitê de Ética.

⁷ Durante a Pandemia Covid-19, por isso utilizou-se recursos como o Google Forms e o Zoom meeting.

A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS EM ESTUDANTES COM INDICATIVO DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Piaget (1932) indica que o julgamento é um processo de desenvolvimento. Não se trata apenas de um artifício em que se imprimem regras e virtudes, mas é a capacidade de modelar essas regras a partir de uma reestruturação cognitiva. Existem condições ambientais e, ou ações adultas que influenciam o julgamento e a resolução de conflitos.

Esse desenvolvimento envolve transformações básicas na estrutura cognitiva, ou seja, trata-se de uma mudança na forma, no padrão e na organização do pensamento. A transformação das estruturas cognitivas implica na criação de soluções necessárias para os conflitos.

É para compreender como ocorrem essas transformações e como é possível aos estudantes com AH/SD solucionar os conflitos cotidianos que tratar-se-á neste capítulo da resolução de oito dilemas morais. Obteve-se as seguintes respostas:

QUADRO 1 - Violência doméstica

Dilema 1.	Um menino brincava em seu quarto, enquanto seu pai trabalhava na cidade. Depois de algum tempo, teve vontade de desenhar. Mas não tinha papel. Lembrou-se, então, que na escrivaninha de seu pai havia belas folhas brancas numa gaveta. Foi sorrateiramente procurá-las em uma gaveta. Quando o pai voltou, verificou que a gaveta estava em desordem e acabou por descobrir que o menino havia roubado o papel. Foi, logo em seguida, ao quarto do menino e viu no chão todas as folhas rabiscadas com lápis de cor, então, muito zangado deu uma surra no menino” (PIAGET, 1994, 171). O que você compreendeu sobre a história? O que você achou da atitude do menino? O que você faria se estivesse no lugar do pai? Diga-me o que você acha sobre isso? Como pode-se solucionar essa questão?
Mohamed	Que não deveria pegar as folhas e, sim, perguntado para o pai. Não daria uma surra, eu teria conversado com o menino, falaria que se ele quisesse, perguntasse e o pai o teria deixado.
Charles	Um menino queria desenhar, ele foi ao quarto e pegou as folhas que estavam à disposição. Na história não ouvi que o pai falou para ele não pegar as folhas, na minha opinião, não foi bem explicado para ele que não podia mexer nas folhas. Não, não acho certo, ele só queria desenhar para passar o tempo. Me parece que era uma criança menor, e só queria desenhar, não estava fazendo nada errado. O pai poderia ter explicado, não bater.
Harvey	Ele estava brincando em seu quarto e teve vontade de desenhar e foi ao quarto do pai e pegou a folha. Não que eu achei uma atitude errada do pai, mas sem cabimento, não que o menino tenha roubado ele só pegou. Se eu fosse o pai, primeiro eu perguntaria se ele pegou o papel, aí a gente conversava já que ele queria o papel para desenhar não para fazer outro tipo de coisa, né.
Michael	Ele não deveria pegar as folhas, pelo menos onde eu moro, dá para pegar aquelas pedrinhas pequenas e desenhar no chão. Não teria batido no menino, são só folhas e tem mais utilidades, porque eram folhas em branco e se o menino rabiscou só de um lado daria para aproveitar. Daria para aproveitar as folhas.
Henry	Que o menino pegou o papel do pai, a atitude do menino não foi nem um pouco errada. A atitude do pai também não foi correta. Se eu fosse o pai falaria com o menino e daria um castigo para ele.

Fonte: Piaget (1932).

Observamos que dois estudantes consideram que o menino não deveria pegar a folha para desenhar, que teria outra possibilidade para realizar o desenho, como desenhar no chão, com pedras ou giz. Enquanto três estudantes consideram que o menino deveria pegar a folha, que isso não foi errado.

Em relação a ação do pai, os cinco estudantes consideram errada a atitude de punir fisicamente o filho. Quatro estudantes disseram que o pai deveria conversar com o filho e explicar o porquê de não poder usar as folhas, e um achou que o pai poderia dar um castigo. Entre os cinco, apenas um estudante considerou que as folhas poderiam ser reaproveitadas.

O raciocínio prático envolvido na relação com o bem-estar do menino pressupõe uma autonomia, o argumento de que o pai poderia conversar e explicar o motivo de o filho não poder usar as folhas evidenciam o cuidado com o respeito, contrariando o conformismo inquestionável da heteronomia (PIAGET, 1932).

Neste conflito, os estudantes demonstram ser contrários à sanção expiatória, que traga constrangimento, uma vez que possui caráter arbitrário, principalmente quando traz uma punição física, sabendo que a ação da criança não trouxe consequências graves, mas apenas danos materiais.

Os estudantes mostram que têm um raciocínio moral que se transforma, adequando-se para cada situação, num processo de interações entre o organismo e o meio ambiente. As decisões são tomadas com base no bem-estar comum. De fato, descobriu-se que eles usam a lógica das proposições (criando hipóteses sobre cada conflito), mas também consideram transformações (inversões e reciprocidades) necessárias para o funcionamento dos mecanismos do pensamento formal (INHELDER; PIAGET, 1985).

Na adolescência o pensamento formal não consiste apenas em raciocínio verbal (lógica das proposições), mas também sugere a formação de uma série de esquemas operativos, que aparecem de forma síncrona: operações combinatórias e proporcionais. Cujas análises sobre os conflitos mostram que eles usam sistemas múltiplos de referência, em que temos: esquema de equilíbrio mecânico (igualdade de ação e reação), probabilidades multiplicativas (possibilidade de soluções) e correlações (informações adquiridas no meio) para julgar e solucionar os dilemas (INHELDER; PIAGET, 1985, p. 18).

Essa proposição julgada na análise do conflito considera a preocupação com o bem comum (reciprocidade), aparece também quando os estudantes repudiam a violência doméstica e acreditam que a melhor forma de agir é denunciando a agressão, conforme observamos nas respostas presentes no quadro a seguir:

QUADRO 2 - Violência contra mulher

(Continua)

Dilema 2.	Kim era uma menina muito alegre e falante, até que um dia presenciou uma agressão do padrasto contra sua mãe. A menina ficou muito assustada, mas não contou nada a ninguém, pois sua mãe pediu que não falasse sobre isso com ninguém. Kim tinha medo de que algo de ruim acontecesse com sua família, então começou a ficar mais calada e triste. O que você compreendeu sobre a história? O que você achou da atitude do padrasto? O que você faria se estivesse no lugar de Kim? Diga-me o que você acha sobre isso? Como pode-se solucionar essa questão?
Mohamed	A menina (hum... silêncio) escutou a mãe e não contou a ninguém. Mas se eu fosse ela eu contaria para uma pessoa mais próxima, para ter mais segurança, se não o padrasto poderia bater na mãe novamente e a situação seria pior. Ah! Totalmente errado. Não pode bater em mulher nenhuma, não é necessário.

Charles	Parece uma história real que acontece muito, existe muita violência contra a mulher, muita menina que se esconde por ver a violência com sua mãe, se eu fosse a Kim ligaria para polícia ou para o 189.
Harvey	Essa é uma história que no tempo em que estamos vivendo hoje é muito grave. Na verdade, essa agressão acontece principalmente contra a mulher, o homem perde a razão, na minha opinião o homem deixa de ser homem. Se eu fosse a Kim denunciaria com certeza.
Michael	A menina não fez nada porque tinha medo de que algo acontecesse com a mãe. Já que poderia acontecer uma variedade de coisas. O que você faria se estivesse no lugar de Kim? Eu acho que deveria ter denunciado, deveria ter falado com a professora, ou com alguém da direção. Ou tentaria ir direto na delegacia, não sei se é possível, não sei a idade de Kim. E o que você acha da atitude do padrasto? Acho errado.
Henry	A atitude do padrasto da Kim foi horrenda. E o que você faria se estivesse no lugar da Kim? Eu não sei, eu poderia contar para alguém, mas poderia ser muito ruim também, então eu não sei o que faria também. E como poderia resolver essa história? Tem aqueles negócios que foram distribuídos para mulheres que têm maridos agressores, que é só apertar um botão e a polícia vem. Eu acho que isso é uma coisa boa, uma espécie de contato direto com a polícia.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Nota-se que no conflito sobre a violência doméstica os cinco estudantes dizem que denunciariam, sendo que quatro estudantes iriam até a polícia, e um buscaria ajuda na escola. Um dos estudantes lembrou que a melhor solução seria a utilização de um bipe conectado à polícia, ele fala que com esse dispositivo a mulher vítima de abuso poderia avisar a polícia no momento da violência, sem que o agressor percebesse a denúncia.

Os estudantes demonstraram dificuldade em pensar uma alternativa para resolver o caso de violência doméstica. Eles indicam sentimento de impotência diante da ação violenta, o que poderia ser a fonte para paralisia do pensamento e da ação.

Existem acontecimentos que causam mais tensão psicológica, e os estudantes demonstram que frente a uma situação de estresse, como a violência doméstica, eles se sentem incapazes de agir, como vemos na resposta do estudante cinco, quando fala que não sabe o que fazer, ele afirma que poderia contar para alguém, mas teria medo do que poderia acontecer. Portanto, o estresse e a vulnerabilidade impactam diretamente na capacidade de criar soluções para os conflitos.

Os processos ligados a criatividade incluem um estilo cognitivo que permite confrontar mais facilmente a complexidade e a interrupção da reflexão durante a resolução de um problema, a utilização heurística para produzir novas ideias e um estilo de trabalho caracterizado, em parte, pela perseverança e atenção concentrada para uma tarefa. Considera-se que os processos criativos se aplicam a todas as tarefas que pedem criatividade, assim como as capacidades se aplicam a uma área precisa e as motivações são mais específicas para uma tarefa; o nível de uma pessoa nestes três componentes determina sua criatividade. Se um dos componentes está ausente, a criatividade não poderá se exercer (LUBART, 2007, p.18).

Os adolescentes mostraram que diante da violência doméstica sentem-se mais ansiosos e temerosos, declaram que frente a altos níveis de autoritarismo, sentem-se deficientes e obrigados a responder com obediência à autoridade. Isso os torna dependentes de outras pessoas, no caso, eles citam os professores como sujeitos capazes de os proteger, quando eles se sentem incapazes de agir frente ao conflito, isto é, quando o medo impera a atenção concentrada e a perseverança se dissipam e a criatividade fica comprometida.

A coação e a violência influenciam negativamente no processo de autorregulação que, ao longo do tempo, gera estruturas qualitativamente distintas de conhecimento e raciocínio. Um adolescente que enfrenta situações excessivamente coercitivas pode ter um atraso no progresso da racionalidade (MOSHMAN, 2005, p. 86).

Compreende-se que uma pessoa que responde eficientemente a eventos estressantes é aquela que possui uma capacidade de reação. Para ser capaz de solucionar problemas há três tipos diferentes de recursos:

O primeiro é o apoio externo disponível, e especialmente a rede de apoios. O segundo recurso inclui a inteligência, educação e fatores de personalidade (introversão e extroversão). E, finalmente, o terceiro tipo de recurso refere-se às estratégias de sobrevivência que uma pessoa utiliza para se adaptar às situações adversas (CSIKSZENTMIHALYI, 1997).

A adaptação do sujeito ao meio, implica na capacidade de pensar possibilidades e fazer o exercício de reversibilidade entre a própria ação e a consequência desta ação, frente ao objeto ou ao conflito. Piaget (1972, p.71) lembra que: “[p]ara ser formal, a dedução deve desligar-se da realidade e assumir a sua posição sobre a plano do puramente possível”.

Pensar hipoteticamente sobre a própria reação diante de uma situação de conflito, exige a reversibilidade de raciocínio, a fluência e a flexibilidade para julgar e solucionar os conflitos virtuais.

QUADRO 3 - Preconceito

Dilema 3.	Julia estudava no sexto ano do Ensino Fundamental, Julia era uma menina afrodescendente e por causa da sua cor de pele, alguns colegas de escola lhe deram vários apelidos ofensivos e excluíram-na das atividades escolares. Julia sofria com rejeição e preconceito que vivenciou, por isso ela quis parar de estudar. O que você compreendeu sobre a história? O que você achou da atitude de Júlia? O que você faria se estivesse no lugar da Julia? O que você acha sobre isso? Como pode-se solucionar esta situação?
Mohamed	É, isso de preconceito, eu também me sinto parte desta luta, porque eu também sou afrodescendente. E mesmo que não tenha afrodescendência, eu não gosto deste tipo de coisa, porque afinal de contas é um ser vivo, são seres humanos. E a gente não vai ter preconceito por causa disso, e a menina é Júlia o nome dela, não devia parar de estudar por conta do trauma, mesmo que os amigos da escola tivessem maltratado ela por causa do tom de pele negro, ela acaba tendo um trauma e até inconscientemente ela pode associar o estudo ao preconceito. A menina deveria ter um acompanhamento psicológico para superar o trauma.
Charles	A menina deve pedir ajuda aos professores e aos pais, não deve parar de estudar, pois isso é racismo, acontece muito e prejudica muito as pessoas. Poderia existir um grupo de fortalecimento da autoestima e discussão de temas relacionados ao racismo na escola, para combater o preconceito.
Harvey	Esse negócio de preconceito, não que eu tenha já vivido, mas já percebi algumas coisas, sou bem moreno também, mas... (fica em silêncio por alguns segundos). No seu lugar, primeiramente, como eu falei, não ligaria para a opinião das outras pessoas. Até que uma vez uma professora me perguntou se eu tinha uma empresa, que tipo de funcionário eu iria ter, e eu não ligo para a característica da pessoa eu só ligo para o potencial da pessoa. Na verdade, ninguém é diferente de ninguém, a pessoa que tem um potencial grande não pode desistir, se você desistir você perde todo o teu potencial. Sempre tem pessoas que vão achar que você não vai conseguir, tem que saber lidar com isso e por isso eu aprendi que a gente não pode ligar para a opinião das pessoas.
Michael	Ela tem que denunciar, ela não poderia se privar dos direitos dela só por causa de outras pessoas. E qual atitude poderia tomar para acabar com o preconceito? Ela poderia criar um documentário orientado pelos professores sobre a cultura africana e assim fortalecer a identidade das pessoas afrodescendentes.

Henry	Eu acho errado. Eu acho que, tipo, deveria ignorar, ficar com outras pessoas, ir para outra escola, quem sabe. E o que você acha da questão do preconceito? Eu acho errado, não faz nenhum sentido, uma pessoa tem a mesma capacidade cerebral e física de qualquer outra pessoa, independente da raça, etnia. Poderia fazer avaliações para fortalecer o reconhecimento da inteligência dos alunos afrodescendentes e melhorar a autoestima.
-------	---

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Os alunos reconhecem o trauma da menina, mas concordam que não é motivo para parar de estudar, ela precisa reconhecer o valor de ser afrodescendente, para isso entre as medidas pensadas por eles estão o acompanhamento psicológico, grupos de debate, produção de informação sobre a cultura afro, avaliações para reconhecimento de habilidades cognitivas e fortalecimento da autoestima.

Piaget (1985) sugeriu que a racionalidade precisa ter coerência lógica, reside em formas correspondentes de equilíbrio psicológico. Ao reconhecerem o sofrimento causado à menina pelo preconceito, os estudantes mostram como relacionam-se com os seus ambientes, assimilando aspectos desses ambientes às suas estruturas cognitivas.

Quando julgam as consequências implicadas pela prática do *bullying*, eles mostram que as estruturas de raciocínio lógico estão adequadas, por isso podem adaptar-se e posicionar-se frente ao assunto em questão. Contudo, quando eles não conseguem pensar as consequências de um ato preconceituoso, experimentam um estado de desequilíbrio, como defende Piaget (1985).

O estudante precisa compreender que as ações dele impactam diretamente em um mundo real, por isso a capacidade de resolver conflitos está no centro da atividade intelectual. Sendo assim, as possibilidades de resolução (criativa) são concebidas e avaliadas em relação a cada realidade. Para o estudante que se encontra no período operatório formal, as possibilidades tomam sobre uma vida própria. São propositada e sistematicamente formuladas como uma parte de rotina da cognição. A realidade é entendida e avaliada como a realização de uma possibilidade particular (MOSHMAN, 2005, p.32).

Nota-se que os estudantes que responderam a esta pesquisa, vivem uma assincronia no desenvolvimento moral e afetivo. A organização afetiva corresponde ao desenvolvimento intelectual, e o adolescente relaciona as duas formas de organização para se enquadrar no corpo social. Ao mesmo tempo o adolescente busca afirmação da autonomia. Frequentemente essa afirmação é plenamente conquistada quando ele se torna capaz de julgar e solucionar os conflitos como os adultos, de modo que se constitui com a maturidade afetiva, essencial para uma personalidade que se dispõe a enfrentar a vida. Isso pode ser visto no quadro sobre o preconceito religioso.

QUADRO 4 - Preconceito Religioso.

(Continua)

Dilema 4	Tom é judeu, sua família é ortodoxa, por isso segue rigidamente as tradições do judaísmo. Tom vai regularmente à sinagoga e usa o “kipá” quando vai ao templo. E por isso, sofre com o preconceito dos colegas de escola, que não compreendem as tradições da religião da família de Tom. Por isso, Tom começou a agredir os colegas na escola. O que você compreendeu sobre a história? O que você achou da atitude dos colegas de Tom? O que você faria se estivesse no lugar do Tom? O que você acha sobre isso? Como pode-se solucionar esta situação?
----------	--

QUADRO 4 - Preconceito Religioso.

(Conclusão)

Mohamed	Os colegas dele não foram nada legais, porque é como se ele fosse obrigado a utilizar o chapeuzinho, e eu nunca vi esse chapeuzinho, mas mesmo que fosse feio é a religião dele, e ele usaria o chapeuzinho de qualquer forma. E os colegas, como eles não têm esse tipo de tradição, eles podem usar a roupa que eles quiserem. E é isso, eles estão fazendo errado em julgar ele pela roupa que ele usa, mas a atitude do tom de agredir os colegas pela atitude que eles fazem, eles deviam ser levados à direção, para chamar a atenção deles. O Tom poderia convidar os colegas para ir até à sinagoga para conhecer um pouco da cultura dele.
Charles	Tom não deve ligar para os colegas, uma hora vão esquecer e parar de incomodar, deve também pedir ajuda aos professores para explicar um pouco mais como funciona a sua religião, e tudo com conversa se resolve.
Harvey	Assim, algumas pessoas sofrem com isso e tem o temperamento um pouco mais alto, e elas não conseguem aguentar isso e agredem. Algumas se escondem e algumas tentam combater isso, é errada a atitude do Tom, e é errada a atitude dos colegas que zombaram dele porque eles não entenderam as suas tradições, e ele (Tom) podia ter resolvido de outra forma. Eu tentaria falar com os professores, eu falaria com meu pai e resolveria isso. Eles poderiam fazer uma noite das nações com exposições sobre diferentes tradições, assim o preconceito acabaria.
Michael	Que talvez ele esteja se exaltando demais, já que os colegas não entendem a tradição judaica e a quantidade de ritos que ela tem. Eu conversaria com meus pais. E por que você acha que existe o preconceito? Acho que é coisa do ser humano, diferenças existem, não devem ficar se exaltando por basicamente nada.
Henry	Olha, o Tom teria capacidade, não seria uma pessoa fraquinha e baixa, ele teria capacidade de argumentar contra, não precisava fazer isso. Podia fazer um blog com os colegas sobre isso e divulgar suas tradições.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Os estudantes compreendem que o preconceito é fruto da falta de conhecimento acerca da religião de Tom, dizem que é fundamental o trabalho conjunto entre professores, família e estudantes. E assim buscar romper com a violência, seja ela por causa do preconceito, ou seja, como reação do aluno ao *bullying* sofrido.

Piaget (1972) demonstrou que a forma de interpretar as questões morais, como por exemplo ter reciprocidade quanto ao sofrimento alheio, depende da forma como o adolescente considera a intenção e a consequência dos atos, esse processo depende da maturação das estruturas matemáticas abstratas. Trata-se de uma relação entre a construção da própria identidade, articulação da negação de si, num processo de descentração para que haja reciprocidade. Para saber se posicionar adequadamente é preciso raciocinar sobre as correlações em um conjunto associado de relações

lógicas, tais como implicação e compatibilidade das ações e suas consequências (INHELDER; PIAGET, 1985, p. 283).

Neste caso, os adolescentes relacionam a intenção do agressor em decorrência do *bullying* sofrido, no entanto, para eles não houve a reciprocidade por nenhuma das partes, e a falta de conhecimento a respeito de tradições diferentes é a verdadeira causa da violência retratada na história.

A descentração é o que permite aos adolescentes e adultos elaborarem combinações e permutações de elementos sistematicamente, para identificar correlações, e para manipular variáveis de forma independente de modo a determinar os seus efeitos individuais. As operações formais deste processo de resolução de conflitos envolvem uma estrutura lógica de ordem mais elevada, que permite uma compreensão e um raciocínio impossível ao nível das operações concretas (INHELDER; PIAGET, 1985).

Em suma, as aquisições afetivas fundamentais da adolescência são paralelas às suas aquisições intelectuais. A fim de compreender o papel das estruturas formais de pensamento na própria vida do adolescente, tivemos finalmente de as inserir em toda a personalidade, e no caso dos estudantes desta pesquisa há uma prevalência de introversão, mesmo quando eles mostram solidariedade com outros.

QUADRO 5 - Crise na saúde pública – Roubo

Dilema 5.	Joana é uma menina pobre, tem três irmãos pequenos, seus pais são operários de uma fábrica. Joana tem um tipo raro de leucemia e precisa de um remédio importado, o tratamento é muito caro, não é fornecido pelo SUS. Os pais de Joana não podem pagar pelo tratamento. Por isso o pai de Joana roubou o remédio do hospital para ajudar a menina. O que você compreendeu sobre a história? O que você achou da atitude do pai de Joana? O que você faria se estivesse no lugar da Joana? Quem deveria ajudar a Joana? O que você acha sobre isso? Como você solucionaria essa questão?
Mohamed	Então, esse tipo de doença eu não sei qual é, mas já ouvi falar. E o SUS devia fornecer esses medicamentos, porque querendo ou não, é o único jeito de as pessoas que não têm como pagar o remédio, conseguirem ele de forma gratuita para conseguirem se tratar, porque senão elas podem morrer, ou ficar gravemente doentes. Não, ele não deveria ter feito isso, até porque assim, pessoas que forem utilizar os medicamentos depois, até porque o hospital tem uma contagem de medicamento, o hospital compra uma certa quantidade de medicamento para durar um tempo, aí vai ficar sem um medicamento e as pessoas não poderão usar. Então aí ele deveria tentar conseguir o dinheiro emprestado de alguém ou do próprio banco, mas na verdade o remédio deveria ser fornecido gratuitamente pelo SUS.
Charles	O pai da menina fez o possível na hora do desespero para salvar a filha, e para a menina o seu pai estaria certo, mas pela sociedade pensar na questão do roubo, ele não está certo, o pai deve buscar ajuda nos jornais para conseguir o remédio que deveria ser doado pelo SUS.
Harvey	Primeiramente ele teve pensamento de pai, para querer ajudar a sua família, mas desse jeito, na verdade, ele não quis ajudar, porque ele roubou, e tudo que a pessoa rouba é errado, mas eu entendo a atitude dele. Ele só queria ajudar sua família, ajudar sua filha. Acho que seria culpa do governo, porque esse remédio seria muito caro, eles não conseguem pagar e sem o remédio ela sofreria mais danos.
Harvey	Primeiramente ele teve pensamento de pai, para querer ajudar a sua família, mas desse jeito, na verdade, ele não quis ajudar, porque ele roubou, e tudo que a pessoa rouba é errado, mas eu entendo a atitude dele. Ele só queria ajudar sua família, ajudar sua filha. Acho que seria culpa do governo, porque esse remédio seria muito caro, eles não conseguem pagar e sem o remédio ela sofreria mais danos.

Henry	Olha, eu não sei, eu sou uma pessoa muito desesperada, eu ficaria muito desesperado se isso acontecesse comigo, e talvez eu fizesse a mesma coisa. E por que você acha que o governo não fornece o medicamento? Falta de investimento. O governo definitivamente tem dinheiro para investir, o governo desvia verbas, que era para saúde vai para outro lugar. É difícil, no Brasil isso já está marcado, ou você não é político ou é um político corrupto. Você não tem muita opção a não ser que você tenha muito dinheiro já, para bancar eleição, e é isso aí.
-------	--

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Os estudantes enfatizam que é errado roubar, mas consideram que deixar a criança morrer por falta de medicamento é inconcebível, e diante da falta de intervenção do governo e de tentativas de emprestar o dinheiro e não conseguir, eles acreditam que seria justificável o roubo.

Segundo eles, o Brasil dispõe de recursos suficientes para a manutenção do Sistema Único de Saúde, responsável por fornecer os medicamentos que a menina da história precisava para sobreviver. Os estudantes chamam a atenção para o fato de que a carga tributária brasileira, que é bastante elevada, deveria servir para o bem da população, principalmente em relação à saúde e educação.

O poder de abstração reflexionante que os estudantes demonstraram não só serviu para explicar a realidade, mas também para transformar. Ao mesmo tempo em que compreendem a complexidade do problema, como vemos na fala do estudante Mohamed⁸:

[e]ntão, esse tipo de doença eu não sei qual é, mas já ouvi falar. E o SUS devia fornecer esses medicamentos, porque querendo ou não, é o único jeito de as pessoas que não têm como pagar o remédio, conseguirem ele de forma gratuita para conseguirem se tratar, porque senão elas podem morrer, ou ficar gravemente doentes. Não, ele não deveria ter feito isso, até porque assim, pessoas que forem utilizar os medicamentos depois, até porque o hospital tem uma contagem de medicamento, o hospital compra uma certa quantidade de medicamento para durar um tempo, aí vai ficar sem um medicamento e as pessoas não poderão usar. Então aí ele deveria tentar conseguir o dinheiro emprestado de alguém ou do próprio banco, mas na verdade o remédio deveria ser fornecido gratuitamente pelo SUS”.

A capacidade de realizar coordenações entre os conhecimentos prévios e o conflito que busca solução, nisto se vê a equilíbrio resultante da abstração reflexiva e da tomada de consciência.

O estudante estrutura as informações sobre o conflito, busca entender o que é certo e o que é errado e normatiza qual é o grau de complexidade, não roubar ou manter a vida. Na concepção dos estudantes, o problema central é manter a vida, e o motivo dela estar em perigo é a corrupção, isto é, não tem o remédio por causa do desvio de recursos públicos, e diante deste cenário o roubo do remédio é aceitável.

O conteúdo da análise contém características da abstração reflexionante. Piaget (1978) analisa esses progressos como dependentes do desenvolvimento da inteligência, que constituem a tomada consciência, fruto das operações lógico-formais.

Observa-se aqui, que na análise dos estudantes as desigualdades que têm sido extremamente difíceis de eliminar, a injustiça social, segundo eles é quase impossível de resolver, enquanto houver um sistema político corrupto no Brasil, como observa-se na fala dos estudantes, presentes no quadro dezesseis.

⁸ Estudante entrevistado em 2020.

QUADRO 6 - Crise na saúde pública (falta de remédios)

Dilema 6	Mauro é um médico muito competente e dedicado, ele trabalha em um posto de saúde em uma comunidade muito pobre. Certa vez, uma jovem paciente faleceu, pois no posto não havia o medicamento que ela precisava tomar para se recuperar de um problema cardíaco, e Mauro ficou muito bravo. O que você compreendeu sobre a história? O que você achou da atitude do médico? O que você faria se estivesse no lugar do médico? Quem deveria suprir as necessidades do posto de saúde? O que você acha sobre isso? Como você solucionaria essa questão?
Mohamed	Este tipo de local devia ter o medicamento para tratar essas doenças, e se o posto não tem esse medicamento as pessoas vão acabar morrendo. Foi um erro que eles cometeram. O SUS deveria fornecer o medicamento, às vezes o medicamento pode ser importado e a demora em comprar o medicamento pode prejudicar as pessoas doentes, e podem ficar muito graves.
Charles	O médico está certo de que o medicamento deve ser distribuído pelo SUS. E na falta do medicamento o médico deveria buscar em outro posto de saúde ou levar a paciente para outro posto de saúde ou hospital que tivesse medicamento, e assim salvaria o paciente.
Harvey	Eu já vi histórias como essas, que os hospitais não conseguem manter os medicamentos e as pessoas sofrem com as consequências dessa falta. E o governo é quem tem a responsabilidade por manter esse medicamento. Eu não poderia solucionar a não ser que tivesse como comprar o remédio, mesmo assim, salvaria uma vida, mas não todas as vidas de pessoas que precisam de remédios caros e que não são fornecidos pelo SUS.
Michael	Eu acho que é basicamente roubo do governo, já que o imposto no Brasil é bem alto e dá para manter perfeitamente o SUS, porque os hospitais particulares têm medicamentos e medicamentos de sobra, e mesmo que o governo tenha que arcar com os medicamentos para muito mais postos, ainda assim ele tem muito dinheiro para arcar com isso. Eu acho errado o governo não manter os medicamentos em comunidades pobres, porque eles também pagam impostos e o Mauro está certo de ficar bravo com isso.
Henry	Não tinha remédio, então eu não poderia fazer nada, se ele tivesse salvado ela teria faltado para outra pessoa e talvez tivesse morrido, neste caso iria faltar remédio por culpa da falta de investimento do governo. Esse é um problema de saúde pública, a não ser que fosse um hospital privado.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

No quadro 6, nota-se que os estudantes acreditam que o governo é responsável pela falta de recursos para a saúde pública, e que não há muito o que fazer em relação à falta de medicamentos em hospitais e postos de saúde mantidos pelo Poder Público. Uma vez que, os estudantes acreditam que essa precariedade advém do desvio de verbas, pelos governantes corruptos, um dado interessante na fala deles é que não acreditam que possam fazer algo para mudar a situação, pois a corrupção é um processo histórico e muito difícil de ser rompido, eles não se veem como parte deste processo, por isso creem que nada pode ser feito.

Os estudantes demonstram novamente o sentimento de impotência diante do conflito. E isto deve-se ao fato de eles próprios sofrerem com a falta de atendimento médico, por dependerem do Sistema Único de Saúde, os estudantes 2, 3 e 4 relataram que já passaram por isso, precisaram de remédios e não conseguiram ter o atendimento adequado.

Se o desenvolvimento cognitivo se constitui a partir da vivência e das trocas com o meio, então a experiência deles os ensinou que há pouco o que fazer diante deste conflito, e o sentimento de vulnerabilidade impera, afinal a motivação para solucionar um conflito emerge da capacidade humana de organizar a experiência em estruturas significativas de crescente complexidade, em razão de uma interação ativa com o ambiente. A teoria piagetiana demonstra que o valor de uma

experiência para o desenvolvimento requer não apenas capacidade de resposta à experiência ou internalização de conceitos, mas um processo de organização ativa pela qual objetos e conceitos são percebidos sob nova ótica (PIAGET, 1994).

Sobre isso, Carpendale (2010) lembra que o potencial de certas formas de raciocínio se desenvolve apenas dentro de trocas interindividuais. As interações interindividuais são fomentadas pela autorregulação do sujeito ao meio e ao outro. Neste caso, Piaget (1932, 1994, 2011) nos leva a compreensão de que a autorregulação do sujeito em relação ao meio em que vive será mais refinada quanto mais o sujeito for capaz de privilegiar a cooperação, ou seja, para os estudantes se sentirem autônomos diante da resolução deste conflito, eles precisam entender e saber explicar e justificar seu papel enquanto sujeito de direito, diante de uma sociedade cheia de desigualdade social.

Piaget (1994) indica que o adolescente só chega ao nível de autonomia moral quando entende que o conceito de justiça e injustiça é baseado em pessoas sendo igualmente valorizadas. Esta é uma propriedade emergente das relações de cooperação com os outros que tem base no respeito mútuo. Há uma tendência natural de passar das relações de coerção para relações mais cooperativas, porque a coerção (restrição) é instável e a cooperação (trocas) é o equilíbrio ideal para o qual as relações tendem.

À medida que as relações fundamentam no respeito mútuo, percebe-se quão equilibrada é a interação. Nota-se que os estudantes entendem que há muita injustiça no mundo e que todos os relacionamentos são baseados em coerção, e isso gera o sentimento de impotência (PIAGET, 1994, p. 90).

O mesmo pensamento de ineficácia diante das situações de conflitos é percebido em relação à escola pública, conforme verifica-se no quadro número quinze e dezessete.

QUADRO 7 - Precariedade da Escola Pública

(Continua)

Dilema 7	Cristina é estudante de uma escola no interior do Paraná, na escola só existem duas salas de aula que podem ser usadas, porque as outras quatro salas estão sem luz e o telhado tem goteiras. Para chegar na escola Cristina tem que caminhar uma hora por uma estrada de terra, não existe transporte público na região. Cristina divide a carteira com outra criança. A professora não consegue tirar as dúvidas da Cristina quando precisa, porque são muitos alunos na mesma sala. O que você compreendeu sobre a história? O que você achou da atitude da professora de Cristina? O que você faria se estivesse no lugar da Cristina? Quem deveria suprir as necessidades da escola? O que você acha sobre isso? Como você solucionaria essa questão?
Mohamed	É uma escola ruim para estudar, não tem condições mínimas de aprendizagem, os alunos já chegam cansados na escola, precisaria dividir as turmas e colocar um auxiliar na sala para ajudar os professores a tirar dúvida dos alunos, na minha sala eu faço isso, ajudo os professores explicando os conteúdos para os colegas que têm dificuldade. A Cristina tem razão de não querer ir para a escola, pode aprender mais em casa, estudando sozinha. A escola deveria ser reformada, a prefeitura deveria pagar pela reforma, mas como não está fazendo, os pais poderiam ajudar a arrumar a escola, eles mesmos poderiam fazer um mutirão e cada um arruma uma parte, poderiam arrecadar materiais para arrumar o telhado na própria comunidade, às vezes as pessoas têm resto de material de construção e podem doar.

QUADRO 6 - Crise na saúde pública (falta de remédios)

Charles	Acho que os pais e professores poderiam fazer uma festa ou uma vaquinha <i>on-line</i> para arrecadar o dinheiro que precisa para consertar a escola. A Cristina não deve desistir de estudar, ela pode junto com os colegas fazer uma campanha nas redes sociais e pedir ajuda para a escola, fazer vídeos das condições da escola e postar para chamar a atenção dos políticos e do povo para que arrumem o que está estragado e construam novas salas de aula.
Harvey	A escola está bastante estragada e que o Governo deveria consertar. Para isso as famílias e os alunos devem exigir que o prefeito conserte a escola. É injusto que os alunos fiquem sem aula, por exemplo, eu tenho facilidade para aprender, mas quando fiquei sem aulas presenciais tive dificuldade para aprender inclusive as matérias que eu gosto, como matemática.
Michael	Método mais dinâmico, alguma coisa que dê para fazer em grupos maiores, quem sabe, ensinar tanta gente na mesma sala é impossível. E, bom, devia fazer alguma coisa com a comunidade e ver se alguém na comunidade tem um pouco de dinheiro para tentar resolver o problema das goteiras do telhado e da luz. Porque já que o governo estava negligenciando completamente a escola, eles não podem deixar de receber os alunos e tem que achar outra forma.
Henry	É uma escola com pouco recurso e muito defeito. Precisaria de mais investimento ainda, mas eu acredito que deveria ter mais recursos em educação do que em outras áreas, como saúde, por exemplo, porque com educação você pode criar médicos. A educação deveria ser muito mais valorizada. Eu estudaria em outra escola, talvez em outra cidade. E como pode solucionar essa situação. Poderia resolver, mas gastaria bastante. Poderia fazer merenda, poderia tirar de outros lugares para arrumar o telhado, que era o mais importante.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Todos os estudantes compreenderam que a falta de intervenção do Estado é a causa de a escola estar em situação precária, eles dizem que os alunos não podem ficar sem aula. Eles admitem que algumas ações são possíveis com a influência da comunidade escolar, que pode arrecadar investimentos e materiais para reformar a escola por conta própria, também entendem que uma maneira eficiente de resolver a situação seria os professores repensarem seus métodos de ensino com uma dinâmica mais prática, aproveitando diferentes espaços que não aquele da sala de aula especificamente.

Becker (2011) demonstra que a troca com o meio é a essência do conhecimento na medida em que, operando sobre o meio, o sujeito transforma o objeto por meio da assimilação e, diante da transformação, transforma a si mesmo num processo de acomodação, podendo operar num nível de maior complexidade. É por isso que os estudantes têm mais facilidade de pensar soluções para conflitos sobre a qualidade da educação escolar, do que nos conflitos sobre saúde pública.

Uma operação não é apenas a interiorização das ações, mas a composição de ações reversíveis. O sujeito pode constituir uma classe e desfazê-la, organizar uma série e reordená-la em sentido oposto, afirmar uma proposição e em seguida negá-la, somar e, em seguida, subtrair, multiplicar e, logo adiante, dividir, etc., sem precisar agir materialmente (BECKER, 2011, p. 230).

Para ter sucesso na resolução de um conflito é preciso saber realizar uma operação abstrata sobre ele. Muitas vezes os estudantes desta pesquisa reconhecem a situação dos conflitos virtuais apresentados pela pesquisadora, pois operam sobre ela, várias vezes eles relatam que a condição de precariedade da escola é muito próxima da realidade que eles vivem, com professores pouco didáticos, escassez de recursos e espaços.

O progresso na resolução de conflitos é motivado pela troca interindividual, mas é fundamentalmente um processo cognitivo em desenvolvimento. Kohlberg (1984) sugeriu que a elevada capacidade cognitiva leva a um desenvolvimento moral mais rápido, mas que todos têm acesso a todos os níveis dentro de uma vida inteira. Assim, aqueles que trabalham com jovens e adolescentes superdotados podem esperar ver níveis mais elevados de julgamento dos conflitos, pela sua capacidade de operar abstratamente sobre o meio em que vivem. Como podemos verificar nos conflitos que seguem:

QUADRO 8 - Precariedade da Educação Pública

Dilema 8.	Lucas é um garoto muito estudioso, mas esse ano ficou mais de trinta dias sem aula, porque na escola que ele estuda faltaram muitos professores por falta de pagamento. Lucas ficou muito triste, pois além de não aprender coisas novas, também perde a oportunidade de brincar com os colegas na hora do recreio. O que você compreendeu sobre a história? De quem é a culpa pela falta de aula? O que você faria no lugar de Lucas? O que você acha da atitude dos professores? O que você acha sobre isso? Como você solucionaria essa questão?
Mohamed	É ruim ficar sem aula, mas é pior ir para a escola com professores ruins que não querem ou não sabem ensinar. A escola tinha que ser diferente, tinha que ter mais aulas práticas, não deveria ter salas de aula e a gente que deveria fazer nosso horário e escolher o que vamos aprender. Não deveria depender do professor pra dar aula, é errado eles ficarem sem salário, mas da forma com que a escola é, a gente não aproveita muita coisa.
Charles	Os professores precisam receber, a cada ano que passa o governo paga menos e muitas vezes atrasa os pagamentos, porque tem muita corrupção, mas eles também precisam fazer aulas mais dinâmicas para que os alunos tenham vontade de aprender, o governo não investe na escola, não tem materiais interessantes, os laboratórios são ruins, a biblioteca também, os professores estão desanimados pela falta de respeito dos alunos e pelos salários baixos. E não tem opções de cursos diferentes na escola, por exemplo, poderia ter aulas de robótica, música, produção de jogos. Deveria ter uma quantidade maior de recursos para a escola e as famílias, alunos e professores deveriam escolher como investir os recursos. Por exemplo, podia pegar dez por cento do dinheiro dos pedágios e dividir entre as escolas de cada cidade como uma renda extra, para melhorar as condições de trabalho dos professores e assim eles ficariam mais felizes, também poderiam ganhar um incentivo no final do bimestre quando as notas dos alunos saem e os professores que conseguissem melhores resultados ganhariam um prêmio em dinheiro.
Harvey	Não é justo que os professores trabalhem sem pagamento, mas eles precisam sobreviver, acho que a culpa da precariedade da educação é do governo e como na história passada não supre as necessidades da escola. Achei injusto os alunos ficarem sem aula e acho que os professores poderiam tirar dúvidas dos alunos mesmo sem pagamento.
Michael	Se fosse escola particular o Lucas também não deveria pagar a escola, se fosse escola pública não teria muito o que fazer, é culpa do governo. Acho que o melhor a fazer seria a greve mesmo, já que os professores precisam de salário. Acho o sistema de eleição falho e o fato de qualquer pessoa poder entrar lá só pelo voto, daí uma pessoa humilde, mas bastante conhecida pode ter bastante votos e é fácil de ser manipulada. E alguns muito manipuladores podem conseguir comprar votos e não fazem o investimento na saúde ou na escola, porque a taxa de impostos é muito alta e dava para manter uma educação de qualidade.
Henry	A culpa é do governo por não pagar o salário dos professores. Às vezes a greve nem vale a pena, só atrapalha os alunos. Para resolver essa situação seria importante mudar a distribuição dos recursos públicos, com consulta popular, pra isso as pessoas precisariam conhecer o sistema político, mudar a forma de eleger os governantes e punir os corruptos como em outros países.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Os estudantes consideram que a greve de professores os prejudica no processo de aprendizagem. Contudo, eles destacam que os professores também possuem condições desfavoráveis de trabalho, precisam ser mais valorizados e respeitados. Vimos no decorrer destas falas dos

estudantes, que muitas vezes eles mesmos não se reconhecem como parte fundamental do processo de tomada de decisões. Freire (2005, p. 15) chama a atenção para a importância de fazer uma educação para formação da consciência política, para ele “o que fundamentalmente importa é que estes homens particulares e concretos reconheçam a si próprios, no transcurso da discussão, como criadores de cultura”.

Eles entendem que o governo possui os recursos necessários para manutenção de uma educação de qualidade, mas a corrupção e o desvio de verbas é a causa dos baixos salários dos professores e da falta de infraestrutura do ambiente escolar.

Destacam ainda que os professores podem sentir-se desanimados pelas condições de trabalho e a maioria não se esforça para fazer uma boa aula, também vemos que mesmo diante de um cenário de falta de pagamentos eles entendem que os professores deveriam permanecer trabalhando, ou pelo menos “tirar dúvidas” dos alunos, o Henry destaca ainda que muitas vezes a greve não traz resultado positivo para as demandas dos professores e só prejudica os alunos.

Entende-se que é necessário que haja a formação pautada na reciprocidade, na qual o estudante não se distancie do seu papel de protagonista nas decisões cotidianas. Os dados da pesquisa mostram uma assincronia neste processo de desenvolvimento dos estudantes, com desenvolvimento precoce do raciocínio lógico-matemático, mas pouco avanço em relação a autonomia moral, o que pode ser resultado de práticas educacionais restritivas. Quando é indispensável,

Uma pedagogia que estrutura seu círculo de cultura como lugar de uma prática livre e crítica não pode ser vista como uma idealização a mais da liberdade. As dimensões do sentido e da prática humana encontram-se solidárias em seus fundamentos. E assim a visão educacional não pode deixar de ser ao mesmo tempo uma crítica da opressão real em que vivem os homens e uma expressão de sua luta por libertar-se (FREIRE, 2005, p.12).

Os estudantes defendem que a escola é precária e que o professor é tradicional e por isso pouco dinâmico no processo de ensino, eles se colocam como objetos alheios, no próprio processo educativo, não experimentam a realidade mais ampla e profunda da experiência existencial, afinal: “[a]o descobrir o homem o que sou, terei descoberto o outro como ele é” (SALTINI, 2008, p.15).

Quando a escola privilegia a coação e o individualismo, isto é, cada um é responsável pela sua tarefa, pelo seu material, pelo seu aprendizado, não promove a troca em uma relação de cooperação, solidariedade, ou mesmo de resolução de conflitos, o resultado é este que vemos nas respostas dos estudantes, que embora sejam altamente talentosos, cognitivamente bem desenvolvidos, ainda assim, não se percebem como parte fundamental da construção social que consideram ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados previamente analisados, foi possível compreender que os estudantes conquistaram a autonomia, característica de uma capacidade de perceber detalhes e combinar informações em cinco de oito dilemas, isso ocorreu devido às poucas trocas interindividuais que eles têm realizado devido ao isolamento social.

Infere-se que os estudantes estavam mais comprometidos com a questão da escola e da saúde pública, embora não tenham gerado muitas ideias durante todos os meses em que foram

acompanhados, voltavam várias vezes nestes aspectos. Porém, demonstraram estar desmotivados a pensar soluções, disseram que na atual dinâmica não se sentiam hábeis a mudar os conflitos, eles demonstravam frustração e cansaço mental por estarem gastando muita energia para aprender os conteúdos escolares de forma autônoma.

Porter (2002) defende que para que o estudante com AH/SD tenha sucesso em seus processos criativos, ele precisa ser destinatário de relacionamentos pautados em justiça - o que significa dar a todos aqueles com quem convive um tratamento igual e justo, tanto no sentido de não discriminação dos indivíduos por causa da sua cultura, gênero, descendência, religião etc., como no sentido de equilibrar os direitos e interesses. Eles precisam vivenciar diversas experiências, conviver com diferentes grupos para ter trocas ricas em possibilidades.

Sternberg (2005) lembra que a inteligência analítica necessária para criar soluções criativas requer um pensamento crítico, para avaliar as próprias ideias e as soluções possíveis. E essa é a habilidade chave para um processo criativo eficiente. Os estudantes precisaram analisar as implicações de suas propostas. Para tanto, precisaram ter a capacidade operatória de sintetizar as ideias e enfrentar as situações desafiadoras. É nessa fase que devem ressignificar seus sistemas simbólicos, para interpretar as situações extraordinárias.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. Aprendizagem: reprodução, destino ou construção. In: DONGO, Adrián Oscar. Montoya (org.). **Jean Piaget no século XXI: escritos de epistemologia e psicologia genéticas [et al.]**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011.

CARPENDALE, Jeremy. I. M. No relationship, however, is pure constraint or cooperation. In: **Cambridge Collections Online**. Cambridge University Press, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CCOL9780521898584.012>. Acesso em: 23 Out 2017.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Creativity: flow and the psychology of discovery and invention**. New York: Harper Perennial, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KOHLBERG, Lawrence. **Essays On Moral Development - Vol. II. The Psychology Of Moral Development**. São Francisco: Harper & Row, 1984.

LUBART, Todd. **Psicologia da criatividade**. Trad. Márcia Conceição Machado Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MCCORMICK, Kimberly M.; PLUCKER, Jonathan A. (2013). Connecting Student Engagement to the Academic and Social Needs of Gifted and Talented Students. In: Kim, K.H., Kaufman, J.C., Baer, J., Sriraman, B. (eds) **Creatively Gifted Students are not like Other Gifted Students. Advances in Creativity and Giftedness**, vol 5. SensePublishers, Rotterdam. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-6209-149-8_9> Acesso em: Jun, 2021.

MOSHMAN, David. **Adolescent Psychological Development: Rationality, Morality, and Identity**. University of Nebraska, 2 Ed. New Jersey – London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2005.

PIAGET, Jean. **A Relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Vol 26, n 3, 1962. Tradução e organização: Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

PIAGET, Jean. **The Moral Judgment of the Child**. Glencoe, Illinois: Nabu Press, 2011. (Ed. Original 1932).

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. Trad. Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994. (Ed. Original 1932)

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, Jean. **Problemas de psicologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **The Psychology of the Child**. Basic Books, New York, 1969.

PIAGET, Jean. **Play, dreams and imitation in childhood**. London: Routledge and Kegan Paul Ltd, 1999.

PORTER, Louise. **Educating young children with additional needs**. Austrália: Allen & Unwin, 2002.

SALTINI, Cláudio João Paulo. **Afetividade e inteligência**. 5 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

STERNBERG, Robert J. The Theory of Successful Intelligence. In: **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, 2005, Vol. 39, Num. 2 pp. 189-202. Disponível em: <<http://www.actef.es/sternberg.pdf>> Acesso em: 10 Jan 2018.

